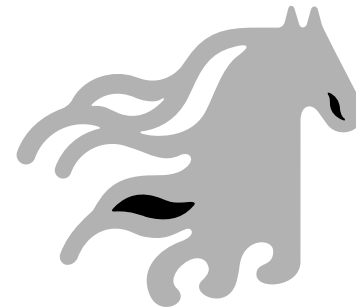




natália correia



*o anjo do ocidente
à entrada do ferro*

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXIII

© 2023, SPA e Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tel: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro*
Autora: Natália Correia
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: José Mário Silva
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2023

ISBN 978-989-671-768-1
DEPÓSITO LEGAL N.º: 518253/23

No topázio mais triste da minha clarividência, apareceu-me o anjo do Ocidente. Tropeçava de sombra em sombra e a espada com que guardava os jardins com buxos de livros da Europa despedaçara-se em números que espavoridos fugiam uns dos outros. Um horizonte de canções blindadas cantava a parábola das cidades brancas cobertas por noites laboriosas de formigas. As estátuas cambaleavam no alto de temerosos pensamentos. As catedrais eram levadas por um vento de elevadores endemoinhados. Mulheres a arder em revistas ilustradas faziam strip-tease para latas de conserva boquiabertas. E a Europa fugia para trás. Fugia parada na louca pulsação do seu movimento estático. E a Europa era a triste viuvinha no meio de uma roda de crianças que matavam índios num filme americano.

Desatei então a correr para o sítio onde se chora. O sítio onde se chora é na penumbra pensativa. No quarto de estalactites da alma onde se fazem poemas. Mas notei que no meu pranto faltava uma lágrima e essa lágrima era Portugal. Percebi finalmente que Portugal era eu a chorar trevos de cinza pela Europa.

DEDICATÓRIA

A ti ó dança de água bandarilhando o touro
fonte de sete véus dos deuses bebedeiro
arte de flancos mornos versificando o cio
que te raptou em rio no crescente dos cornos

que a graça plena foste do desejo quadrúpede
do deus que trabalhando o lenho do teu útero
o ovo afeiçoou à sesta vertical
de uma história dormindo de pé em catedral

A ti que lá de Creta erguendo a tromba lenta
em séculos de marfim mostraste a paciência
da obra de metal que agora te asfixia
na crónica fraudulenta de uma fotografia

A ti que das indóceis distâncias gastronómica
dos oceanos foste a suma teológica
crucífera e cruzada de sífilis e de azul
ao norte amalhando o que gastas ao sul

A ti que numa inglesa escrita comercial
a cânfora roubaste do sono oriental
na prática pimenta dos exóticos pratos
de um menú colonial roído pelos ratos

A ti ó insaciável que para mudar de anéis
dos reis decapitaste os turvos capitéis
com o capitalado dos novos capitães enfarinhando a cara
fazenda de tetrarcas (que outro pano não guarda o imo das tuas arcas)
engomada com a gosma da bronquite burguesa
quando lá na bastilha ganhou a espadilha da revolução francesa

A ti hagiológica
das sacristias rata beata quando lógica
entre o incenso e a prata dos gomis por que bebes agora gasolina
trôpega de elefantiase com tromba telescópica
das luas arrombando os lagos de parafina
de que o empíreo acabe empírica e raivosa mordendo os astro lábios

A ti laboriosa laboratório antera
com o pólen dos sábios na proveta da rosa verificando a fera
A ti vitoriosa que a tudo respondeste
na língua cavernosa de ferida examinada
A ti ó instrumento polífono dos êmbolos
com tremedal e tremolos na voz desafinada
pelos espúrios dezembros das máquinas que embalam teus membros em geada

Ó transistorizada de trânsito transida
eléctricas espáduas caindo entre parêntesis de bar e barbitúrico
A ti iluminada pelo gás dos abrenúncios
no castanho apagado de uma ânfora grega
brincando à cabra-cega com uma venda de anúncios

A ti ó acrobata no arame que vai do paul ao paiol
com bemóis de sucata do teu requiem erguendo a escada em caracol
A ti puta compósita do jónico e do ágio
repeza no adágio da sonata de cristo
ó Europa enlatada

ó cisne

ó cista

ó cisto

numa ígnea membrana de américa enquistada
ó repertório vário de proletária ténia
trabalho solitário de famintos projectos
com juízos finais pintados nos teus tectos

A Ti porém dedico
o motivo da lira que em glóbulos herdei
sangue do teu fabrico parágrafo da cítara
levantada nos cornos do deus que em musical compasso genital
cozeu nos altos fornos do céu em liberdade
a gélida faiança da imortalidade

Ao fermento da origem que provocou teus seios
odres dos vinhos velhos que em sangria escorrendo
argolam-se nas lágrimas que tanges nos artelhos

À nave zodiacal que desbravou as curvas
dos teus quadris infusas de leite filosofal
coalhado em semifusas de betão e metal

ao paciente arcano que com o silabante vagar das colunatas
metrificou teu crânio de fábulas e flautas

aos plátanos que sofrem na medalha cretense
do fundo dos teus olhos a tua dor rodada
na lóbrega pronúncia dos fios telefónicos
ó estopa ó Europa do linho separada!

WIEN FLUG

A largada inaugura a ceifa das alturas
e o avanço implacável excita as manivelas
da solidão O enjoo vai excedendo o peso
da bagagem onde levo o que digo às estrelas

Contrariando o voo nas asas do abutre
que da Europa amortalha o fígado insensato
pequenas setas caem aos pés da cariátide
com gota ateniense e cabelos a jacto

Bem se inclinam as setas para as bandas do mamute!
(que às viagens não peço eu melhor feitoria)
Com andas supersónicas vou perder-me no céptico
gris europa sem ar para o sétimo dia

Bucólica do voo! lateral pastoreio!
paralítica écloga de algodão desdobrado!
num poço de ar anémica a menopausa inglesa
com a saudade do sangue pinta a boca a meu lado

Na íris da vigia naufraga-me a figura
e não há life-vest para esse desenho incauto
perdido no espesso nevoeiro das fugas
Não gosto de me ver Fico mal no retrato

No fofu portulano das nuvens bem quisera
a ressaca de mim enrolar num novelo
mas dos anjos só restam aeromoças que levam
de país a país o reno nos cabelos

Maceração do ar ao céu azul atlético
o avião se arremessa com pressa de comer
das abissais cidades as anãs carnes frias
que nas travessas verdes começam a crescer

Humilhando-se à cera das asas põe-me o ícaro
de um plúmbeo cais aéreo na fria palma esquerda
Abrem-se desde o começo do mundo em meus ouvidos
os leques dos pavões que me amparam na queda

EXCURSÃO ÀS RUÍNAS DA VALSA

No Nussdorf da pastoral à heróica
enlaça-se viena vinhateira
solta o danúbio a língua poliglota
que traz pastosa de lamber holbeins

Lateja o rio derramada aorta
nocturna e arterial é a sua queixa
não quer ser bailarino nem azul
mas o guia michelin é que não deixa

do filme em musselina das sissis
resta uma fimbria esvaída de veados
e bosques que das sobras da opereta
chupam delidos bichosos rebuçados

A equitação extingue-se em fiacres
e o turista aluga-lhe o verdete
No giro coagulado das sombrinhas
incrusta-se o monóculo do coreto

No Kursalon em bronze encarcerado
maestro de uma mania que não passa
Johann Strauss rege a expedição
arqueológica às ruínas da valsa

Electrodomesticada já boceja
viena à meia-noite e cicatriza
com ressonos a ferida de Beethoven
que ainda sangra uma rosa para Elisa

Do lustre de sustenidos desta ópera
têm os pingentes o tilintar do schilling
ó viena ó canção confessada no heuriger
à noite que esvazia as videiras no Grizing

ó valsa póstuma do fim do século expulsa
Num pêlo do bigode hitleriano
fazem acrobacias as semifusas
apócrifas do cavalo floriano

Ó maxilar caído da Europa
com quebradiços artelhos de ballet
Valsa de naftalina pendurada
na beíçola de Francisco José

O ANJO BARROCO À ENTRADA DO SAL(ZBURGO)

Como o carmim à volta do caroço
unindo-se guloso faz o pêssego
fez a púrpura as rosetas de açúcar
de uma igreja dançante neste texto

estomacal de prelados que a salsugem
de uma cidade que tem o sal no nome
em estuque musical cristalizaram
no vidrado turístico de um cromo

Anjos de pedra gorda anjos soprados
pela flauta mágica continuum pulmonar
de Mozart para o trânsito compondo
uma ponte opus de febre transversal

De mil anos de altura em caracóis
cai a cerveja euforia obesa
do restaurante que a gesta das trombetas
calou no post-card da fortaleza

Pelo binómio altivo das montanhas
metáfora do tempo contraído
no rio asténico a cidade ganha
uma voz branca que ordena o suicídio

Do pesadelo púrpura de Trakl
orbitais as arcadas são apriscos
é delas que para os desvãos da noite saem
anjos de fogo pelos olhos dos bispos

Mas no mapa michelin do extermínio
tem sorte esta maiúscula obsoleta
troca-lhe as voltas do letal sentido
um sufixo risonho de marionetas

Dos cimos medicinais do Untersberg
quimérico o teleférico leva arsénico
ao sonho que se algema enquanto a barba
da lenda não der três voltas ao milénio

GUTE FAHRT!

Apresenta-me o Tirol
ao albedo da criação
que inconclusa o abandonou
à nossa imaginação

quando no homem fazendo
o golem que a assustou
as alvas sobras do sonho
nestes píncaros deixou

Escreve-me deus talvez
(julho não é alpinista)
com as puras iniciais
que a neve deixou na crista

dos alpes aquela carta
que terei tempo de ler
quando morrendo de farta
a bebedeira cozer

Do genético pigmento
coagulou-se o prefixo
no olho encovado fixo
de um lago mais verdoengo

Da curada hemiplegia
da neve a água corre
canção de água em liberdade
vai perder-se onde se morre

Milionária de horizontes
faria o meu belvedere
destas vistas a que adiro
como o pêlo da vaca adere

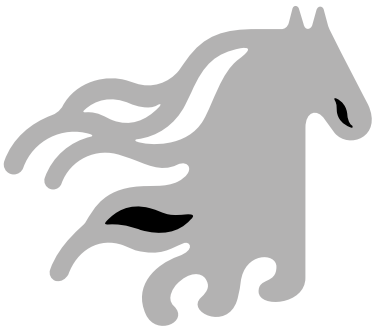
O Jodl num gutural
vegetal se pontiaguda
pedindo ao céu que o acuda
com seu código penal

punindo o saque das tendas
campismo que em campa rasa
um açame põe nas podengas
alturas com a neuro casa

que leva às costas a fuga
árduo pulmão colectivo
que no prospecto respira
um ar que o Tirol aluga

Relaxado verão de purgas
limpa o turismo ecuménico
o ânus nestas alturas
brancas de papel higiénico

Vão, o pincel tirolês
pinta anjos nas fachadas
Quando o estertor é freguês
anjo não é cão de guarda



ÍNDICE

<i>No topázio mais triste da minha clarividência</i>	5
Dedicatória	7
Wien flug	11
Excursão às ruínas da valsa	13
O anjo barroco à entrada do Sal(zburgo)	15
Gute fahrt!	17
Do sagrado meretrício	20
O mia Napoli	23
Aeroporto	26
Ara ubiorum	28
Último canto de Luís o cisne	29
Metropolis	31
Passez y vos vacances	33
Arrêt à Vaduz	37
Au petit riche	40
Ab lo temps que fai refreschar lo segle	42
Primeiro andamento da saga	44
Último andamento da saga	45
O anjo do esqui à entrada do aço	47
Sigtuna	49
Hotel viking	51
O anjo lapidário	53
A Virgem de Memling atrai com uma maçã os suicidas a Bruges	55
London from a tear top	57
Terra filosofal	59
Pranto dos europeus à saída do festim	62



*o anjo do ocidente
à entrada do ferro*

de Natália Correia

foi impresso na Rainho & Neves,
em papel CoralBook de 90 g, em Julho de 2023.